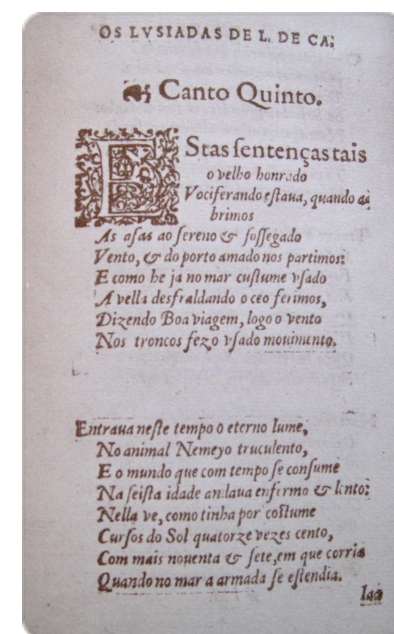




OS LUSÍADAS

Canto Quinto



Canto Quinto



1

Canto V

**Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos;
E como é já no mar costume usado
A vela desfraldando o céu ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.**



2

Canto V

**Entrava neste tempo o eterno lume,
No animal Nemeio truculento,
E o mundo que com o tempo se consome
Na sexta idade andava enfermo e lento;
Nela vê, como tinha por costume
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria
Quando no mar a armada se estendia.**



3

Canto V

**Já a vista, pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes que ficavam,
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam,
E já depois que toda se escondeu
Não vimos mais enfim que mar e céu.**



4

Canto V

**Assim fomos abrindo aqueles mares
Que geração alguma não abriu,
As novas Ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobriu
De Mauritânia os montes e lugares
Terra que Anteu num tempo possuiu,
Deixando à mão esquerda, que à direita
Não há certeza de outra, mas suspeita.**



5

Canto V

**Passamos a grande Ilha da madeira
Que do muito arvoredos assim se chama,
Das que nós povoámos, a primeira,
Mais célebre por nome, que por fama;
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Vénus ama,
Antes sendo esta sua se esquecera
De Cipro, Guido, Pafos, e Citera.**



6

Canto V

**Deixámos de Massília a estéril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam,
Gente que as frescas águas nunca gosta
Nem as ervas do campo bem lhe abastam;
A terra a nenhum fruto enfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inópia,
Que aparta a Barbaria de Etiópia.**



7

Canto V

**Passamos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia;
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinário o nome perde
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.**



8

Canto V

**Passadas tendo já as Canárias ilhas
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entramos navegando pelas filhas
Do velho Hespério, Hespéridas chamadas
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas,
Ali tomamos porto com bom vento
Para tomarmos da terra mantimento.**



9

Canto V

**A aquela ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Santiago,
Santo que os Espanhóis tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago;
Daqui tanto que Bóreas nos ventou
Tornarmos a cortar o imenso lago,
Do salgado Oceano, e assim deixámos
A terra onde o refresco doce achámos.**



10

Canto V

**Por aqui rodeando a larga parte
De África, que ficava ao Oriente
A província Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte,
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambia as águas bebe,
As quais o largo Atlântico recebe.**



11

Canto V

**As Dórcadas passámos, povoadas
Das Irmãs, que outro tempo ali viviam,
Que de vista total sendo privadas
Todas três dum só olho se serviam;
Tu só, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas águas acendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De víboras encheste a ardente areia.**



12

Canto V

**Sempre enfim para o Austro a aguda proa
No grandíssimo gólfão nos metemos,
Deixando a serra aspérrima Leoa
Com o cabo a quem das Palmas nome demos.
O grande rio onde batendo soa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, com a Ilha ilustre que tomou
O nome dum que o lado a Deus tocou.**



13

Canto V

**Ali o mui grande reino está de Congo
Por nós já convertido à fé de Cristo,
Por onde o Zaire passa claro e longo
Rio pelos antigos nunca visto;
Por este largo mar enfim me alongo
Do conhecido pólo de Calisto,
Tendo o término ardente já passado
Onde o meio do mundo é limitado.**



14

Canto V

**Já descoberto tínhamos diante
Lá no novo Hemisfério nova estrela,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta dela;
Vimos a parte menos rutilante
E por falta de estrelas menos bela,
Do Pólo fixo, onde ainda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.**



15

Canto V

**Assim passando aquelas regiões
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dois invernos fazendo e dois verões
Enquanto corre dum ao outro Pólo;
Por calmas, por tormentas e opressões
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas apesar de Juno
Banharem-se nas águas de Neptuno.**



16

Canto V

**Contar-te longamente as perigosas
Coisas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas, temerosas,
Relâmpados que o ar em fogo acendem;
Negros chuveciros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.**



17

Canto V

**Os casos vi que os rudes marinheiros
Que têm por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros
Julgando as cousas só pela aparência;
E que os que têm juízos mais inteiros
Que só por puro engenho e por ciência,
Vêem do mundo, os segredos escondidos
Julgam por falsos, ou mal entendidos.**



18

Canto V

**Vi claramente visto o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo
De tempestade escura e triste pranto;
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar com largo cano,
Sorver as altas águas do Oceano.**



19

Canto V

**Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se,
No ar um vaporzinho e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado um cano ao Pólo sumo
Se via, tão delgado que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia,
Da matéria das nuvens parecia.**



20

Canto V

**Ia-se pouco e pouco acrescentando
E mais que um largo masto se engrossava,
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava;
Estava-se com as ondas ondeando,
Em cima dele uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Com o cargo grande da água em si tomada.**



21

Canto V

**Qual roxa sanguessuga se veria
Nos beijos da alimária (que imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar com o sangue alheio a sede ardente;
Chupando mais e mais se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente,
Tal a grande coluna, enchendo aumenta
A si, e a nuvem negra que sustenta.**



22

Canto V

**Mas depois que de todo se fartou
O pó que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu chovendo enfim voou
Para que com a água a jacente água molhe;
Às ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe,
Vejam agora os sábios na escritura
Que segredos são estes de Natura.**



23

Canto V

**Se os antigos Filósofos, que andaram
Tantas terras, para ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram
A tão diversos ventos dando as velas;
Que grandes escrituras que deixaram
Que influência de signos e de estrelas,
Que estranhezas, que grandes qualidades,
E tudo sem mentir, puras verdades.**



24

Canto V

**Mas já o Planeta que no céu primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada
Quando da etérea gávea um marinheiro
Pronto com a vista, terra, terra brada,
Salta no bordo alvoroçada a gente
Com os olhos no Horizonte do Oriente.**



25

Canto V

**A maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos,
As âncoras pesadas se adereçam,
As velas já chegados amainamos;
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolábio
Invenção de subtil juízo e sábio.**



26

Canto V

**Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro povo não pisou;
Porém eu com os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do Sol a altura
E compassar a universal pintura.**



27

Canto V

**Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta;
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo um estranho vir de pele preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.**



28

Canto V

**Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo,
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo;
Começo-lhe a mostrar da rica pele
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria;
A nada disto o bruto se movia.**



29

Canto V

**Mando mostrar-lhe peças mais somenos
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente;
Vi logo por sinais e por acenos
Que com isto se alegra grandemente,
Mando-o soltar com tudo e assim caminha
Para a povoação, que perto tinha.**



30

Canto V

**Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nus, e da cor da escura treva,
Descendo pelos ásperos outeiros
As peças vêm buscar que estoutro leva;
Domésticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva,
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com eles pelo mato.**



31

Canto V

**É Veloso no braço confiado
E de arrogante crê que vai seguro,
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro;
Estando, a vista alçada, com o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece, e segundo ao mar caminha
Mais apressado do que fora vinha.**



32

Canto V

**O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar, mas, antes que chegasse,
Um Etíope ousado se arremessa
A ele, porque não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, e enquanto o remo aperto
Se mostra um bando negro descoberto.**



33

Canto V

**Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida,
E não foram ao vento em vão deitadas
Que esta perna trouxe eu dali ferida;
Mas nós como pessoas magoadas
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.**



34

Canto V

**E, sendo já Veloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malícia feia e rude intento
Da gente bestial, bruta e malvada;
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da Índia desejada,
Que estarmos ainda muito longe dela
E assim tornei a dar ao vento a vela.**



35

Canto V

**Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir)
Olha Veloso amigo, aquele outeiro
É melhor de descer que de subir;
Sim é, responde o ousado aventureiro
Mas, quando eu para cá vi tantos vir,
Daqueles cães, depressa um pouco vim
Por me lembrar que estáveis cá sem mim.**



36

Canto V

**Contou então que tanto que passaram
Aquele monte, os negros de quem falo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matá-lo;
E, tornando-se, logo se emboscaram,
Porque saindo nós para tomá-lo,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.**



37

Canto V

**Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca doutrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando uma noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando
Uma nuvem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.**



38

Canto V

**Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo,
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo;
Ó potestade, disse, sublimada
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?**



39

Canto V

**Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida;
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.**



40

Canto V

**Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo;
Com um tom de voz nos fala horrendo e grosso
Que pareceu sair do mar profundo,
Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mim, e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.**



41

Canto V

**E disse; ó gente ousada mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu que por guerras cruas, tais e tantas
E por trabalhos vãos nunca repousas;
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho
Nunca arados de estranho, ou próprio lenho.**



42

Canto V

**Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de imortal merecimento;
Ouve os danos de mim, que apercebidos
Estão, a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pela terra
Que ainda hás-de subjugar com dura guerra.**



43

Canto V

**Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas;
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo
Que seja mor o dano que o perigo.**



44

Canto V

**Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobriu suma vingança,
E não se acabará só nisto o dano
Da vossa pertinace confiança;
Antes, em vossas naus vereis cada ano
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.**



45

Canto V

**E do primeiro Ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céus,
Serei eterna e nova sepultura
Por juízos incógnitos de Deus;
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus,
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.**



46

Canto V

**Outro também virá de honrada fama
Liberal, cavaleiro, enamorado
E consigo trará a formosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado;
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará dum cru naufrágio vivos
Para verem trabalhos excessivos.**



47

Canto V

**Verão morrer com fome os filhos caros
Em tanto amor gerados e nascidos,
Verão os Cafres ásperos e avaros
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros
À calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pisada longamente,
Com os delicados pés a areia ardente.**



48

Canto V

**E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes míseros ficarem
Na férvida e implacável espessura;
Ali depois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e misérrima prisão.**



49

Canto V

**Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu; quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado.
A boca, e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara
Como quem da pergunta lhe pesara.**



50

Canto V

**Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram fui notório;
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que para o Pólo Antártico se estende
A quem vossa ousadia tanto ofende.**



51

Canto V

**Fui dos filhos aspérrimos da terra
Qual Encelado, Egeu, e o Centimano,
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.**



52

Canto V

**Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa,
Todas as Deusas desprezei do céu
Só por amar das águas a Princesa;
Um dia a vi com as filhas de Nereu
Sair nua na praia, e logo presa,
A vontade senti, de tal maneira
Que ainda não sinto coisa que mais queira.**



53

Canto V

**Como fosse cousa impossível alcançá-la
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la
E a Dóris este caso manifesto;
De medo a Deusa então por mim lhe fala;
Mas ela, com um formoso riso honesto,
Respondeu; Qual será o amor bastante
De Ninfa que sustente o dum Gigante.**



54

Canto V

**Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que com minha honra escuse o dano.
Tal resposta me torna a mensageira;
Eu que cair não pude neste engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças.**



55

Canto V

**Já néscio, já da guerra desistindo
Uma noite de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis única despida;
Como doido corri de longe, abrindo
Os braços, para aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.**



56

Canto V

**O que não sei de nojo como o conte
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei com um duro monte
De áspero mato, e de espessura brava;
Estando com um penedo fronte a fronte
Que eu pelo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo
E junto dum penedo outro penedo.**



57

Canto V

**Ó Ninfa a mais formosa do Oceano
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada;
Daqui me parto irado, e quase insano
Da mágoa e da desonra ali passada
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.**



58

Canto V

**Eram já neste tempo meus Irmãos
Vencidos e em miséria extrema postos,
E, por mais segurar-se os Deuses vão
Alguns a vários montes sotopostos;
E como contra o Céu não valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado amigo
Por meus atrevimentos o castigo.**



59

Canto V

**Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros que vês e esta figura
Por estas longas águas se estenderam;
Enfim minha grandíssima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os Deuses, e por mais dobradas mágoas
Me anda Thetis cercando destas águas.**



60

Canto V

**Assim contava e com um medonho choro
Súbito diante os olhos se apartou,
Desfez-se a nuvem negra, e com um sonoro
Bramido, muito longe o mar soou;
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.**



61

Canto V

**Já Flegon, e Piróis vinham tirando
Com os outros dois o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o grão Gigante;
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ela abaixo um pouco navegamos
Onde segunda vez terra tomámos.**



62

Canto V

**A gente que esta terra possuía
Posto que todos Etíopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tão mal nos receberam;
Com bailes e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres consigo e o manso gado
Que apascentavam, gordo e bem criado.**



63

Canto V

**As mulheres queimadas vêm em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas
Animais que eles têm em mais estima
Que todo o outro gado das manadas;
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua língua cantam concertadas,
Com o doce som das rústicas avenas
Imitando de Titiro as Camenas.**



64

Canto V

**Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos galinhas e carneiros
A troco doutras peças que levaram;
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram
Que desse algum sinal do que buscamos;
As velas dando, as âncoras levamos.**



65

Canto V

**Já aqui tínhamos dado um grão rodeio
À costa negra de África, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do Céu, e o Pólo Antártico ficava;
Aquele ilhéu deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O tormentório Cabo, e descoberto,
Naquele ilhéu fez seu limite certo.**



66

Canto V

**Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias
Só conduzidos de árduas esperanças;
Com o mar um tempo andámos em porfias
Que, como tudo nele são mudanças,
Corrente nele achámos tão possante
Que passar não deixava por diante.**



67

Canto V

**Era maior a força em demasia
Segundo para trás nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria
Que por nós a do vento que assoprava;
Injuriado Noto da porfia
Em que com o mar (parece) tanto estava
Os assopros esforça iradamente
Com que nos fez vencer a grão corrente.**



68

Canto V

**Trazia o Sol o dia celebrado
Em que três Reis das partes do Oriente,
Foram buscar um Rei de pouco nado
No qual Rei outros três há juntamente;
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por ele nos metemos.**



69

Canto V

**Desta gente refresco algum tomámos,
E do rio fresca água, mas contudo
Nenhum sinal aqui da Índia achamos
No povo com nós outros quase mudo;
Ora vê Rei que tamanha terra andámos
Sem sair nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem sinal,
Da desejada parte Oriental.**



70

Canto V

**Ora imagina agora quão coitados
Andaríamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas e por mares não sabidos;
E do esperar comprido tão cansados
Quanto a desesperar já compelidos,
Por céus não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.**



71

Canto V

**Corrupto já e danado o mantimento
Danoso e mau ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento
Que sequer da esperança fosse engano;
Crês tu que se este nosso ajuntamento
De soldados, não fora Lusitano,
Que durara ele tanto obediente
Por ventura a seu Rei e a seu regente?**



72

Canto V

**Crês tu que já não foram levantados
Contra seu capitão se os resistira,
Fazendo-se Piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente, por certo estão provados
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela Portuguesa alta excelência
De lealdade firme, e obediência.**



73

Canto V

**Deixando o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a água salgada,
Fizemos desta costa algum desvio
Deitando para o pego toda a armada;
Por que, ventando Noto manso e frio
Não nos apanhasse a água da enseada,
Que a costa faz ali daquela banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.**



74

Canto V

**Esta passada, logo o leve leme
Encomendado ao sacro Nicolau,
Para onde o mar na costa brada e geme
A proa inclina de uma e de outra nau.
Quando indo o coração que espera e teme
E que tanto fiou dum fraco pau,
Do que esperava já desesperado
Foi de uma novidade alvoroçado.**



75

Canto V

**E foi, que estando já da costa perto
Onde as praias e vales bem se viam,
Num rio, que ali sai ao mar aberto
Batéis à vela entravam e saíam;
Alegria muito grande foi por certo
Achamos já pessoas que sabiam
Navegar, porque entre elas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.**



76

Canto V

**Etíopes são todos, mas parece
Que com gente melhor comunicavam,
Palavra alguma Arábia se conhece
Entre a linguagem sua que falavam.
E com pano delgado que se tece
De algodão, as cabeças apertavam,
Com outro que de tinta azul se tinge
Cada um as vergonhosas partes cinge.**



77

Canto V

**Pela Árábica língua que mal falam,
E que Fernão Martins muito bem entende
Dizem, que por nós, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende.
Mas que, lá donde sai o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga, e estende
E do Sul para o Sol, terra onde havia
Gente assim como nós da cor do dia.**



78

Canto V

**Muito grandemente aqui nos alegrámos
Com a gente, e com as novas muito mais.
Pelos sinais que neste rio achámos
O nome lhe ficou dos bons sinais;
Um padrão nesta terra alevantámos
Que para assinalar lugares tais
Trazia alguns, o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo.**



79

Canto V

**Aqui de limos, cascas e de ostrinhos,
Nojosa criação das águas fundas,
Alimpamos as naus, que dos caminhos
Longos do mar, vêm sórdidas e imundas;
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos
Com mostras aprazíveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento
Limpos de todo o falso pensamento.**



80

Canto V

**Mas não foi, da esperança grande e imensa
Que nesta terra havemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Ramnúsia com nova desventura;
Assim no Céu sereno se dispensa,
Com esta condição pesada e dura
Nascemos, o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.**



81

Canto V

**E foi que de doença crua e feia
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram;
Quem haverá que sem o ver o creia
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.**



82

Canto V

**Apodrecia com um fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho infeccionava,
Não tínhamos ali médico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava;
Mas qualquer neste ofício pouco instruto,
Pela carne já podre assim cortava
Como se fora morta, e bem convinha
Pois que morto ficava quem a tinha.**



83

Canto V

**Em fim que nesta incógnita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre connosco aventureiros;
Quão fácil é ao corpo a sepultura
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o ilustre os ossos.**



84

Canto V

**Assim que deste porto nos partirmos
Com maior esperança e mor tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos
Buscando algum sinal de mais firmeza;
Na dura Moçambique enfim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.**



85

Canto V

**Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento,
Dará saúde a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento;
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos deste, e vês aqui se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.**



86

Canto V

**Julgas agora Rei se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que ainda hei-de ver, a oitava parte?**



87

Canto V

**Esse que bebeu tanto da água Aonia
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna, e Colofónia,
Atenas, Ios, Argo, e Salamina;
Essoutro que esclarece toda Ausónia,
A cuja voz altíssima e divina
Ouvindo, o pátrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre com o som se ensoberbece.**



88

Canto V

**Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses, e encareçam,
Fingindo Magas, Circes, Polifemos,
Sirenas que com o canto os adormeçam;
Dêem-lhe mais navegar à vela e remos
Os Cicones, e a torra onde se esqueçam
Os companheiros em gostando o Loto,
Dêem-lhe perder nas águas o Piloto.**



89

Canto V

**Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calipsos namoradas;
Harpias, que o manjar lhe contaminem
Descer às sombras nuas já passadas;
Que por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda grandíloqua escritura.**



90

Canto V

**Da boca do facundo capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos;
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos,
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de ânimo e nobreza.**



**Vai recontando o povo que se admira
O caso cada qual que mais notou,
Nenhum deles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou;
Mas já o mancebo Délio as rédeas vira
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.**



92

Canto V

**Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são suados,
Qualquer nobre trabalha que em memória
Vença, ou iguale os grandes já passados;
As invejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados,
Quem valorosas obras exercita
Louvor alheio muito o esperta e incita.**



93

Canto V

**Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos, isso só louva, isso deseja;
Os troféus de Milcíades famosos
Temístocles despertam só de inveja,
E diz, que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.**



94

Canto V

**Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha glória e fama;
Como a sua, que o céu e a terra espanta;
Sim mas aquele Herói que estima e ama
Com dons, mercês, favores, e honra tanta
A lira Mantuana faz que soe
Eneias, e a Romana glória voe.**



95

Canto V

**Dá a terra Lusitana Cipiões,
Césares, Alexandros, e dá Augustos,
Mas não lhe dá contudo aqueles dons
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octávio, entre as maiores opressões
Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fúlvia certo que é mentira
Quando a deixava António por Gláfira.**



96

Canto V

**Vai César subjugando toda França
E as armas não lhe impedem a ciência,
Mas numa mão a pena, e noutra a lança
Igualava de Cícero a eloquência;
O que de Cipião se sabe e alcança
É nas comédias grande experiência,
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.**



97

Canto V

**Enfim não houve forte capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da Lácia, Grega, ou Bárbara nação
Senão da Portuguesa tão somente;
Sem vergonha o não digo, que a razão
De algum não ser por versos excelente,
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte não na estima.**



98

Canto V

**Por isso e não por falta de natura
Não há também Virgílios nem Homeros,
Nem haverá se este costume dura
Pios Eneias, nem Aquiles feros;
Mas o pior de tudo é que a ventura
Tão ásperos os fez, e tão Austeros,
Tão rudes, e de engenho tão remisso
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.**



99

Canto V

**Às Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da pátria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome e fama
De toda a ilustre e bélica fadiga;
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas dourado fino, e que o cantassem.**



100

Canto V

**Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é somente o pressuposto
Das Tágides gentis, e seu respeito;
Porém não deixe enfim de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perderá seu preço e sua valia.**